

"Na oposição, PFL libertará Sarney"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"A ida do PFL para a oposição dá ao presidente José Sarney melhores condições de governar o País, libertando-o das amarras do híbrido partidário que caracteriza sua base política." A tese é do presidente do partido, senador Marco Maciel. Ele nega ter sido derrotado por seus liderados, em outubro, quando tentou levar o partido para a oposição, afirmando que este era o sentimento partidário até então vigente, que se modificou sem que ele saiba por quê. Espera, porém, o rompimento com o governo por ocasião da realização da convenção nacional.

Até recentemente, o senador Marco Maciel, um dos homens de confiança do presidente Sarney, chegou a ser apontado como um dos fortes candidatos a candidato à sucessão presidencial. Um dos responsáveis pelo surgimento da Aliança Democrática, só não foi companheiro de chapa de Tancredo Neves por-

que não aceitou o convite feito pelo falecido presidente. Agora, o senador admite ser forte a influência que o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, exerce no PFL, até por seu desempenho na fase preparatória da candidatura anti-Maluf, em 1985. Para o senador pernambucano, o partido enfrenta dificuldades naturais, mas garante que o PFL irá às urnas com candidatura própria à presidência da República, possivelmente o ministro Aureliano Chaves.

Maciel não concorda com a tese de que estaria isolado no partido apoiando o Centrão, na etapa de formação do grupo e nega que seu afastamento do governo tenha afetado sua amizade com o presidente Sarney: "Continuo amigo dele. Até lamento que seu governo não esteja sendo melhor sucedido, devido a seu problema político, que o leva a não decidir questões, nem encontrar respostas adequadas". O senador também não confirma que tenha tentado levar o PFL para a oposição ao go-

verno, depois que Sarney convidou o vice-governador de Pernambuco, Carlos Wilson, para ocupar a superintendência da Sudene.

"Agi atendendo às reclamações do partido, depois que visitei 14 Estados. Todos, a uma só voz, queriam se afastar do governo", afirmou o senador. Indagado sobre as razões da mudança de opinião de seus liderados, Maciel se recusa a comentá-las: "Não me cabe, agora, tentar explicar o que aconteceu. É tarefa para os historiadores. Aprenderi, com Campos Salles, que quem vive os fatos tem muita dificuldade em interpretá-los corretamente. Deixo a questão ao julgamento da História, o que poderá ocorrer muito brevemente".

Maciel quis deixar claro que não é verdadeira a informação de que apenas 15% dos membros do partido querem levar o PFL para a oposição. "Este é um índice arbitrário, porque não chegamos a submeter a proposta a uma declaração de votos", concluiu o senador.



Alencar Monteiro

Maciel prevê rompimento do PFL com governo na convenção

Nem Maciel transita em todas as correntes

FLAMARION MOSSRI

Da mesma forma que o PMDB, o segundo partido na Constituinte, o PFL, também está sofrendo convulsões. Líderes importantes do partido, a começar pelo seu próprio presidente nacional, senador Marco Maciel, já não têm mais livre trânsito em todas as correntes internas. Maciel tem sido contestado, e muito, pelos militantes que se alinham no Centrão.

Parlamentares ligados ao senador pernambucano deixaram o Centrão e estão participando do chamado Grupo de Entendimento ou Centrinho. Esse novo grupo surgiu por iniciativa dos "modernos" do PFL e da corrente de centro-esquerda do PMDB, todos preocupados, segundo eles, com a escalada conservadora do Centrão.

Marco Maciel está desgastado junto à maioria da representação partidária na Assembleia Constituinte. Ele foi muito saudado ao assinar o documento original do Centrão, mas logo depois caiu em desgraça quando deixou de votar em plenário, preferindo omitir-se. "O Marco não ganha mais nada no partido" desabafou o líder José Lourenço. Os deputados Ricardo Flúza, Jofran Frejat, Oscar Correia, Lael Varela e muitos outros também não poupam o presidente do PFL de críticas.

Solidários com Marco Maciel estão, entre outros, Jorge Bornhausen, Guilherme Palmeira, Alcen Guerra, Saulo Queiroz, Lúcio Alcântara, Humberto Souto, José Thomaz Nono — os "modernos" do PFL. O vice-presidente do partido, deputado Maurício Campos, dos mais ligados ao ministro Aureliano Chaves, embora integrado ao Centrinho, também hostiliza Marco Maciel. Ele acha que o presidente do partido age com "muita autonomia", nem sempre consultando previamente a Comissão Executiva Nacional antes de iniciativas e conversas com dirigentes do PMDB, do PDT, do PT, PCB e PC do B, por exemplo.

CRISE INTERNA

Os integrantes do Centrinho — quase todos afinados com o presidente do PFL — ficaram muito irritados com a visita de alguns membros do Centrão ao governador mineiro Newton Cardoso — considerado o inimigo nº 1 do PFL. Estiveram com o governador de Minas os deputados Ricardo Flúza e Luiz Eduardo Magalhães, fundadores e coordenadores do Centrão, num episódio que agravou a crise interna.

Os "modernos" do PFL admitem, até mesmo, examinar proposta de criação de um novo partido. O objetivo desta facção é mudar a sigla e a linha de atuação. Querem ficar independentes ou mesmo em oposição ao governo Sarney, promovendo o rompimento do partido com o Palácio do Planalto.

Ainda recentemente os deputados José Lourenço e Jofran Frejat deram novas mostras de hostilidade aos "modernos". Os dois são presidencialistas e apóiam Aureliano Chaves. Frejat, no campo local — Distrito Federal —, tem feito oposição ao governador José Aparecido (PMDB). Já o deputado Alcen Guerra (PR) — parlamentarista — deixou a vice-liderança e vem hostilizando publicamente o governo Sarney e a liderança do PFL. São apenas formas as relações entre o líder José Lourenço e o ex-vice-líder Alcen Guerra, que mal se cumprimentam.

O grupo de Marco Maciel — Jorge Bornhausen ex-ministro de Sarney — continua defendendo o rompimento do partido com o Palácio do Planalto. Os obstáculos têm sido Aureliano Chaves, Antônio Carlos Magalhães, Hugo Napoleão, João Alves e Abreu Sodré — ministros de Sarney. O ministro das Minas e Energia e presidente de honra do PFL justifica o apoio do partido ao governo como ainda necessário para concluir o período de transição. Para ele, promulgada a futura Constituição, o partido deverá fazer a Convenção Nacional e definir seu futuro e seu relacionamento com o governo.

Tudo indica que, promulgada a nova Carta, Aureliano Chaves deixará o governo. E não sairá em silêncio.

QUESTÕES POLÊMICAS

O PFL está também dividido nas duas questões mais polêmicas da Constituinte — sistema de governo e duração do mandato de Sarney. Marco Maciel é presidencialista e já defende eleições em 88; Jorge Bornhausen é parlamentarista e também defende eleições em 88; José Lourenço prefere o presidencialismo e cinco anos a Sarney.

O ministro Aureliano Chaves é presidencialista. Ele não diz claramente que apóia eleições em 88, mas vem insistindo no término dos trabalhos da Constituinte, para que haja logo eleições presidenciais. Não criaria obstáculos ao parlamentarismo, mas também não moverá um dedo a favor desse sistema. E só aceitará examinar sua candidatura se a Constituinte aprovar o presidencialismo.

Em São Paulo, o governador é que manda

O PFL de São Paulo foi cooptado pelo governador Orestes Quércia após a vitória do PMDB em 1986 e, atualmente, é um partido sem expressão no Estado. Sua bancada na Assembleia Legislativa tem dito "amém" às mensagens do Executivo e os poucos prefeitos que tem no interior são remanescentes do PDS. O líder principal do partido em São Paulo é o ex-governador José Maria Marin, pouco preocupado com a fraca atuação de seus liderados.

Em pouco tempo de vida, o PFL demonstrou ir de um extremo a outro, sem cerimônias. Nas eleições de 1986, por iniciativa de Marin, que queria pegar uma carona e tentar se eleger senador, o PFL apoiou a candidatura de Paulo Maluf ao governo do Estado. Foi uma decisão que custou críticas pesadas da direção nacional, que lutou para levar o partido a apoiar Antonio Ernânio de Moraes. Quem mandava e ainda manda no PFL paulista é Mamrin, hoje cooptado pelo PMDB, apesar do comportamento que teve na campanha do ano passado, quando foi chamado de "dedo duro" porque ia à televisão denunciar o apoio dos comunistas ao senador Fernando Henrique Cardoso.

Com a vitória de Quércia, Marin não perdeu tempo: tratou de fazer um novo acordo para que o PFL participasse do governo, ganhando, em troca, a Secretaria de Administração e alguns cargos no segundo escalão. Por força da coligação com o PMDB, o PFL dificilmente lançará candidato próprio à sucessão de Jânio Quadros na Prefeitura, embora o deputado constituinte Fausto Rocha lute para ser candidato. O partido tem dez deputados estaduais e seu líder é o polêmico Nabi Abi Chedid.

Nabi Chedid é o segundo homem mais forte do partido; quase tudo gira em torno da sua figura no Legislativo estadual, embora esteja estreitamente ligado a Marin em outro campo de atividade, o esportivo. É Nabi quem vem promovendo uma série de reuniões de deputados suprapartidários que, no fundo, tem um outro objetivo: conseguir amplo apoio a Quércia. O líder petefista criou na Assembleia a réplica do Centrão, tendo por tônica a mensagem de evitar o avanço das esquerdas nos trabalhos da Constituição estadual. Acontece que na sua proposta está imbuído o apoio ao governador. Foi contra isso que se rebelaram dois deputados do PDS, que não mais participam dos encontros: Paulo Osório e Marcelino Romano.

A bancada do PFL na Assembleia, liderada por Nabi, foi, talvez, a menos expressiva em 1987. Seus deputados estão vestidos numa camisa de força porque não podem combater o Executivo. A única vez em que alguns deputados petefistas iniciaram uma reação contra o governo do PMDB foi no episódio de votação do projeto que extinguiu o gatilho salarial. Esses deputados foram pressionados pelos funcionários do Estado, então ameaçados de ficarem sem o disparo de três gatilhos. Nabi teve a oportunidade de novamente mostrar sua habilidade política e, apesar de não ir contra a proposta do Executivo, acabou saindo do caso como oposição a Quércia.

Teoricamente, o dirigente máximo do PFL em São Paulo é Marin, mas as ordens de comando no partido são emanadas no Palácio dos Bandeirantes. É o que acontece, por exemplo, em relação à sucessão municipal. São muitos dentro do partido que já estão fazendo a campanha do secretário de Obras, João Osvaldo Leiva, à Prefeitura da Capital, porque sabem que Leiva é o candidato da preferência de Quércia e dos secretários mais ligados ao governador, como Antônio Carlos Mesquita, Campos Machado, Aristodemus Pinotti, Wagner Rossi e Tidei de Lima.

Eymar Mascaro